

Sociedade Civil e Sociedade Política em Volta Redonda: em busca de um caminho (1997-2001)

Andre Franklin Palmeira¹

Grupo de Trabalho 7: Estado e Sociedade Civil no Brasil dos Séculos XX e XXI: Agências e Conflitos

Resumo: Entre 1993 e 1996, a cidade sul-fluminense de Volta Redonda viveu um período marcado por fortes disputas entre o movimento social organizado (herdeiro dos combativos movimentos populares da década de 1980) e o governo municipal da “Frente Popular” (PSB/PT), que “rachou” ao longo do período, que culminaram na derrota, fragmentação e no isolamento das esquerdas da cidade. Este fato abriu caminho para a maior interação entre os aparelhos privados de hegemonia de cunho patronal e o poder público municipal (consolidada com a reedição e vitória da “Frente Popular” em 1996). O presente artigo objetiva analisar o conjunto da sociedade civil e da sociedade política voltarredondense que emergiu desse período e buscou articular diversos projetos de desenvolvimento econômico e social com intuito de encontrar saídas para a crise generalizada na cidade, oriunda, sobretudo, dos impactos causados pela privatização e reestruturação produtiva da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

Após o divórcio – que não foi consensual – de sua maior indústria e principal símbolo, a cidade sul-fluminense de Volta Redonda assistiu a significativas mudanças em seu cenário político, econômico, social e cultural.² Neste artigo, priorizaremos a análise da ascensão de entidades de classe na segunda metade da década de 1990, momento de refluxo do movimento popular e crise generalizada, mas também momento extremamente propício para analisar os diversos projetos de intervenção naquela realidade por parte de alguns setores da sociedade civil e da sociedade política. Além disso, também abordaremos o crescimento vertiginoso da Associação dos Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda, que, em poucos anos, se tornou a maior associação de aposentados da América Latina e com grande influência no poder público municipal. A partir disso, poderemos compreender, em parte, a formação da hegemonia política que se consolidou na cidade, e que se traduziu, no município, no florescimento de políticas públicas que transformaram a outrora “cidade do aço” no principal polo de comércio e serviços do Sul Fluminense.

Para tanto, nossa pesquisa está alicerçada no arcabouço teórico marxista-gramsciano e fundamentada em vastas fontes jornalísticas e documentos oficiais. Vale destacar que as entidades de classe referidas não permitiram nosso acesso a seus respectivos acervos de publicações e anais. Ainda assim, conseguimos identificar, ao longo da pesquisa, o perfil de seus principais intelectuais e agentes, seus programas, seus eventos, ações de formação e divulgação de ideias e sua proximidade e interlocução com a sociedade política voltarredondense.

¹ Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: andrefranklin23@yahoo.com.br.

² Analisar a trajetória de Volta Redonda no contexto pós-privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e, sobretudo, os rearranjos político-econômicos que possibilitaram a hegemonia política de uma fração de classe essencialmente comercial – em contraposição ao isolamento e a derrota do movimento popular organizado – e marcaram esta nova fase da história da cidade Volta Redonda, são os principais objetivos de nossa dissertação de mestrado no PPGH-UFF, que já está em fase final de redação.

* * *

As mudanças ocorridas na cidade de Volta Redonda perpassam as disputas gestadas no interior do aparelho de Estado, na sociedade civil – de um lado as esquerdas (movimentos sociais e correntes políticas) divididas e isoladas, em contraposição ao setor comercial-industrial e de serviço, que através das suas entidades representativas estreitaram relações com o poder público municipal no período, bem como na elaboração de projetos, mobilizações e formação de servidores públicos – e se materializaram através das políticas públicas implementadas ao longo dos últimos 17 anos, caracterizando um explícito exemplo de uma formação de um bloco hegemônico.

O pensamento de Gramsci nos auxilia a entender o processo de disputas em Volta Redonda. Sua Teoria da Hegemonia, ao aprofundar e superar a Teoria Marxista de Estado – de viés estritamente coercitivo e alienante –, dá luz aos mecanismos de conformação e consolidação da dominação através – também – da produção de liderança intelectual e de consenso.³ Ou seja, a hegemonia “se caracteriza por uma combinação de força e consenso, que se equilibram de diferentes maneiras”.⁴ E é estudando pormenorizadamente a Sociedade Civil que se consegue perceber a constituição dos projetos políticos em disputa no período, como eles foram desenvolvidos e trabalhados no intuito de garantir o apoio necessário da população local, até se transformar na “vontade coletiva” ou “vocaçao natural” da cidade.

Partindo do princípio que o caráter da sociedade civil é cultural, educativo, econômico e político, é por seu intermédio que se difundem ideologias, interesses de classes, mesmo que apareçam como universais. E em Volta Redonda a intervenção de aparelhos privados de hegemonia na formulação de projetos de cidade manteve-se após a privatização da CSN e a ruptura da “Frente Popular”⁵, agora com o protagonismo (direção hegemônica) amplamente favorável às entidades de classe patronais.

Esse processo (projeto de poder), ainda que não linear, transformou a imagem e o perfil econômico da cidade. Para muitos esse caminho era e é inevitável e natural; para nós, a nova face da “Cidade do Aço” foi produzida socialmente por meio uma nova hegemonia política exercida, orientando a cidade para a vocação de prestadora de serviços. Logicamente, esse processo também está intrinsecamente relacionado a outros com fatores internos ao município e também regionais, nacionais e internacionais.

No final da década de 1990 e virada do século, período no qual os caminhos da cidade ainda não pareciam estar consolidados, tanto a sociedade civil de cunho popular como os de perfil patronal buscaram intervir no cenário de decadência da cidade pós-privatização da CSN, marcado por sua profunda reestruturação produtiva.⁶ Como já apontamos acima, essas entidades de classe procuraram formular debates, fóruns, atos

³ ACANDA, Jorge Luis. *Sociedade civil e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p.173.

⁴ *Idem*. *Ibidem*.

⁵ Formada por partidos políticos de esquerda e respaldados pelos movimentos sociais mais combativos da cidade, que, tão logo logrou êxito nas eleições municipais, isolou os quadros políticos mais à esquerda e atraiu os mais conservadores, descaracterizando as políticas públicas defendidas – e já aprovadas – de cunho popular, que também expressavam reflexos de disputas político-econômicas em níveis estadual, nacional e internacional.

⁶ Para saber mais: CARUSO, Danilo S. *Reestruturação produtiva e o movimento operário em Volta Redonda*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

públicos no sentido de buscar soluções, apoios e caminhos a serem seguidos pelo município, no intuito de superar a crise. De um lado, grupos de esquerda remanescentes das lutas empreendidas na década de 1980 e início da década de 1990; de outro lado, as entidades de classe como a Associação Comercial, Industrial e Agropastoril (ACIAP), Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), Sindicato do Comércio Varejista (Sicomércio), entre outras.

Esses fatos anunciavam as pressões coletivas desses grupos para que suas demandas fossem atendidas não só no âmbito do aparelho de Estado, mas como forma de construir determinados consensos e aceitação de suas vontades como se fossem de toda a população da cidade. Nessa correlação de forças, os movimentos sociais da cidade, ainda apresentavam-se combativos, adotando como referências as lutas operárias e as lutas por moradias de anos anteriores.⁷ Contudo, os graus de unidade e organização estavam esfacelados, embora alguns atos públicos fossem organizados conjuntamente e em aparente desconforto. Por sua vez, as entidades patronais, com alto grau de homogeneidade, organização e consciência coletiva, se mostravam cada vez mais entrosadas, não só internamente, mas também com o poder público, como veremos a seguir.

O caso “cinturão”

Um dos primeiros projetos pioneiros pensados para o desenvolvimento econômico da cidade no pós-privatização foi a formação de um conjunto de indústrias fornecedoras para a CSN. A ideia básica deste projeto era criar e estimular a criação de empresas prestadoras de serviço e fornecedoras de materiais. “Na época a direção da CSN apresentou seu plano de ‘parceria’ com as empresas e, em troca, exigiu que elas se adequassem aos mesmos padrões de qualidade apresentados pelos concorrentes”.⁸ Assim surgiu, em 1993, o chamado “Cinturão de Aço” e a sua entidade, a Asimec (Associação Sul Fluminense de Indústria Metal-Mecânica), no mesmo ano da privatização da CSN.

A princípio, o “Cinturão de aço” detinha 12% da participação nos contratos da CSN com fornecedores, gerando 661 empregos. Em 1996, esteve no seu auge quando possuía 64% dos contratos e gerava cerca de 2.500 empregos. As principais argumentações favoráveis à sua expansão, feitas, à época, pelo presidente da Asimec, Rui Pollastri, eram de que a tecnologia empregada na produção e as relações de trabalho – impostas pela CSN como pré-requisitos a contratos – eram seguidas pelas empresas do *Cinturão*, além de propiciar o “desenvolvimento” regional. Nos anos seguintes o projeto foi minguando gradativamente, na medida em que CSN passou a priorizar empresas oriundas do Estado de São Paulo.⁹

Já no primeiro semestre de 1997 (auge do processo de reestruturação produtiva na CSN), as empresas do *Cinturão* já apontavam “descontinuidades” das encomendas e serviços. E tão logo a crise se anunciava, a Asimec, junto com a CSN, promoveu um encontro entre os diretores da CSN e empresários do setor no dia 04 de junho de 1997, pois estavam em busca de ampliar as relações com a CSN e consolidar o projeto do *Cinturão*.

⁷ Para saber mais: GANDRA, Marco Aurélio. “*Cidade Vermelha*” do Aço: greves, controle operário e poder popular em Volta Redonda. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

⁸ Revista *Primeira Página*. Ano 2, abril de 1997. p. 6.

⁹ Revista *Primeira Página*. Ano 2, nº22, dezembro de 1996. p. 6.

No encontro, estiveram presentes diretores da CSN, empresários do setor e um representante da prefeitura municipal, todos buscando consenso em torno de suas demandas e projetos, com clara vantagem de barganha para a CSN. Parece-nos que a grande fragilidade do “Cinturão de Aço” foi justamente depender exclusivamente dos serviços e encomendas da CSN. As necessidades da empresa variaram em um ritmo acelerado e esses fornecedores locais não puderam atender à CSN. E essa fragilidade, para nós, também aparece neste encontro entre o poder público municipal, os industriais e a direção da CSN, quando a abertura e o encerramento do evento ficaram a cargo do diretor da Siderúrgica.

Serão sete palestras. A primeira será só do presidente da Asimec, Rui Pollastri que vai abordar as “Vantagens do Programa Cinturão do Aço para a CSN – Visão do Fornecedor”. As outras são as seguintes: TQC no Cinturão do Aço com Aloysio Sérgio de Arantes. A Empresa Regional, com Roberto Balbi Filho, presidente da AçoSul; Por que investir em Volta Redonda?, com Sebastião Faria de Souza, do IPPU-VR; Suprimentos na CSN – Visão do Cliente com Ricardo Rodrigues Frago, diretor de Serviços Operacionais da CSN. A abertura do encontro será feita pelo diretor superintendente da empresa, economista José Carlos Martins, assim como seu encerramento.¹⁰

Como resultado, o Seminário serviu para abrir ainda mais distância das empresas do setor com a CSN. Enquanto os empresários defendiam contratos de 3 a 4 anos com a CSN, a siderúrgica impunha a obrigatoriedade do certificado *Iso 9000*¹¹ e redução nos prazos de entrega – pois a Companhia utilizava o método de gerenciamento de compras *Triton*, conhecido como *just-in-time*, que acabava obrigando a CSN a reduzir estoque e a necessitar de entregas rápidas dos fornecedores. Em setembro de 1997, os números levantados pela imprensa local demonstravam que mais de 51% das concorrências estavam sendo perdidas para empresas de fora da região do sul fluminense. O principal argumento da CSN era no tocante aos preços praticados pelas empresas da região, muito acima da média do “mercado”.¹² Um dos pontos alegados para a dificuldade de manter o preço “competitivo” se dava pela discrepância no imposto pago no Rio de Janeiro e no Estado de São Paulo. No sul fluminense, a alíquota cobrada de ICMS era de 18% enquanto no Estado de São Paulo era 12%.¹³

No ano 2000, através da iniciativa do Sindicato dos Metalúrgicos, a ideia de reorganizar um conjunto de empresas para fornecer serviços e materiais para a CSN foi novamente posta em debate na cidade de Volta Redonda. Entretanto, as conversas e

¹⁰ Revista *Primeira Página*. Ano, nº33, maio de 1997. p. 15.

¹¹ A “International Organization for Standardization (ISO)”, ou Organização Internacional de Padronização, é a maior instituição do mundo no desenvolvimento e na concessão de padrões técnicos. A ISO é uma organização não-governamental, estabelecida em 1946, para desenvolver padrões mundiais de promoção do crescimento equitativo do comércio internacional. Com sede em Genebra, na Suíça, tem representantes em 147 países. Esta organização tem por objetivo promover o desenvolvimento da normatização e atividades relacionadas com a intenção de facilitar o intercâmbio internacional de bens e serviços e, ainda, desenvolver a cooperação nas esferas intelectual, tecnológica e econômica. No Brasil, o representante máximo oficial da ISO é o Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (INMETRO) e a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).” In: <<http://newton.freitas.nom.br/artigos.asp?cod=35>> Acesso em 26/05/2012.

¹² Revista *Primeira Página*. Ano 2, nº43. Setembro de 1997. p. 6.

¹³ *Jornal Aqui*. Ano 2, nº70. 17/5/1999.

negociações com a CSN nasceram natimortos. Não passaram de uma reunião entre representantes do Sindicato dos Metalúrgicos (Carlos Henrique Perrut, então Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda), membros da ACIAP e empresários, que serviu para, entre outras coisas, abandonar o nome Cinturão de Aço e substituí-lo por “Consórcio de Fornecedores”. Uma semana depois do encontro, a CSN avisou que a empresa continuaria com o departamento de compras em São Paulo e sem privilegiar as empresas do sul fluminense, desanimando o setor.¹⁴

Assim, a iniciativa de criar um conjunto de fornecedores para absorver a mão-de-obra que sobrava na reestruturação produtiva da CSN e, desta forma, impulsionar a economia de Volta Redonda e região esbarrava na dependência exclusiva da CSN, que os fragilizavam diante dos concorrentes e das oscilações do mercado. Além disso, esse projeto não conseguiu angariar muito apoio ao longo dos anos nem se organizar de forma mais coesa na disputa pelo mercado de prestação de serviços não só da CSN, mas de outras empresas, naufragando com o tempo e a concorrência inter-capitalista.

O caso “Vamos repensar Volta Redonda”

O contexto da posse de Antônio Francisco Neto como prefeito de Volta Redonda, em janeiro de 1997, demonstrava uma grave crise no comércio da cidade. As lojas fechavam a olhos vistos, motivadas pelo alto desemprego na cidade e o quadro recessivo – de retenção do crédito – do país no período agravava a situação. Dados do Instituto de Pesquisa e Planejamento (IPPU) assinalavam a crise no setor que representava mais que o dobro dos estabelecimentos fechados no ano anterior, o que demonstrava uma agudização da crise:

Número de estabelecimentos comerciais fechados	
Dez/Fev 1996	03
Mar/Mai 1996	16
Jun/Ago 1996	13
Set/Nov 1996	14

Dados IPPU. In: Revista *Primeira Página*. Ano 2, nº23. Dezembro/1996. p. 9.

Portanto, como um instrumento de elaboração de projetos (e análises), a sociedade civil de cunho patronal da cidade elaborou o projeto *Repensar Volta Redonda*. Abaixo, reproduzimos um trecho da reportagem da revista *Primeira Página*, pois ela ilustra bem o caráter de busca de direção intelectual e moral, através da formação de consenso, questionando a realidade de crise do momento, mas direcionando as possíveis soluções aos interesses desses setores, que são travestidos de universais. E a elaboração de projetos como esse são componentes essenciais para a construção de hegemonia.¹⁵

Buscar alternativas para Volta Redonda sair debaixo da saia da Companhia Siderúrgica Nacional pode ser uma missão impossível. Até hoje isto não foi alcançado, mas alguns segmentos acham que devem

¹⁴ Jornal *Aqui*. Ano 3, nº137. 28/08/2000. p.7.

¹⁵ ACANDA, Jorge Luis. *op.cit.* p.177.

continuar procurando saída. Baseando-se nisso e querendo despertar a sociedade local para criar novas vocações profissionais e de desenvolvimento, é que a ACIAP (Associação Comercial, Industrial e Agro-pastoril) vai promover o lançamento do seu projeto “Vamos Repensar Volta Redonda”. Será no próximo dia 11 [de junho de 1997], às 20hs, na sua sede, no bairro Aterrado. A entidade sonha criar novos pólos. Comercial, universitário, metal-mecânico e de informática. Segundo o atual vice-presidente da ACIAP [Benevenuto dos Santos Neto, ex-prefeito biônico de Volta Redonda de 1982 a 1986], coordenador principal do projeto, somente haverá êxito se o movimento ganhar uma amplitude maior, com a participação de todos, contra a falta de esperança dos cidadãos. “Nós esperamos que o movimento não seja simplesmente um ato isolado da ACIAP. Mas que seja uma ação coletiva da qual deverão participar os nossos homens públicos, quer do Executivo, Legislativo ou Judiciário”, diz ele, relacionando outros setores: “O dos empresários, sem distinção de tamanho, os clubes de serviços, as lideranças religiosas, as associações de moradores e os nossos educadores, profissionais liberais até as mais simples pessoas do povo”.¹⁶

Fica explícito na fala do coordenador do projeto as intencionalidades políticas deste movimento. Não é um movimento apolítico, como afirma a edição da Revista Primeira Página.¹⁷ A defesa da formação e desenvolvimento de novos pólos comerciais em Volta Redonda para atrair consumidores de toda a região, além do aumento da oferta de serviços através do pólo universitário e de informática, desmascaram a pseudoneutralidade do processo. O movimento nos meses seguintes foi desmembrado “em conselhos e comitês responsáveis por encaminhar ações segundo temas decididos como prioritários, como segurança pública, meio ambiente e desenvolvimento econômico”, como aponta Raphael Jonathas em sua tese.¹⁸ Numa de suas reuniões em setembro de 1997, o então prefeito Antônio Francisco Neto foi um dos convidados a participar da rodada de debates e apresentações de propostas.¹⁹ Dos estudos e pesquisas apresentadas nos seminários e debates, um deles levantava dados que mostravam que na cidade havia mais de R\$ 600 milhões de Reais em aplicações em bancos e, nas conclusões dos eventos do movimento, havia defesas específicas de como esses milhões poderiam e deveriam de investidos na cidade.²⁰

Embora nos meses e anos seguintes este movimento não tenha produzido atos e eventos de maiores vultos, sua maior capacidade organizativa e mobilizadora – que conseguiu atrair agentes de diversos setores da sociedade civil local, como D. Waldyr Calheiros²¹ e outras lideranças religiosas, além de políticos locais influentes – também

¹⁶ Revista *Primeira Página*. Ano 2, nº36, julho de 1997. p. 6.

¹⁷ Revista *Primeira Página*. Ano 2. Nº44, setembro de 1997. p. 12.

¹⁸ LIMA, Raphael J.C. *A Reinvenção de cidade industrial: Volta Redonda e o pós privatização da Companhia Siderúrgica Nacional* – Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. p.123.

¹⁹ Revista *Primeira Página*. Ano 2. Nº44, setembro de 1997. p. 12.

²⁰ Dentre as medidas defendidas estavam a ampliação dos negócios e diversificação dos mesmos. Além disso, almejava-se consolidar Volta Redonda como a maior cidade de pólo econômico do Sul Fluminense. Revista *Primeira Página*. Ano 2. Nº44, setembro de 1997. p. 12.

²¹ A chegada do Bispo D. Waldyr Calheiros foi concomitante à terceira expansão da Usina Presidente Vargas (entre o final da década de 1960 e início da década de 1970). D. Waldyr atuou como um importante defensor

demonstrou um relacionamento estreito com os agentes do poder público local, não só através de mútuo apoio político, mas agentes dos próprios aparelhos privados de hegemonia dentro do aparelho do Estado com influência direta nas diretrizes das políticas públicas de desenvolvimento econômico. Exemplo desta afirmação era a figura de Antônio Cardoso, presidente em diversos mandatos do Sindicato do Comércio Varejista, principal líder do antigo Partido Liberal (PL). No primeiro mandato de Neto, enquanto a Secretaria de Desenvolvimento Econômico ainda não estava estabelecida, Antônio Cardoso ocupava o cargo de assessor especial de desenvolvimento econômico de Volta Redonda, ou seja, o principal intelectual e agente fomentador de propostas para as possíveis saídas para crise gestada no ápice da política neoliberal no país, agravada pelos reflexos da privatização da CSN, com origens de classe, origens ideológicas e de visão de mundo claras, era oriundo de entidades de classe de perfil patronal.

Enquanto “esperava a nomeação como secretário de indústria e comércio”, Antônio Cardoso “prometia” via imprensa diminuir consideravelmente o desemprego em Volta Redonda, através de parcerias público-privadas, procurando mudar a cabeça do empresariado local para que ele invista na cidade. “O segundo argumento apresentado é de que *ele pretende transformar Volta Redonda no maior centro comercial do Vale do Paraíba*”.²² Para tanto, defendia a revitalização de algumas áreas comerciais da cidade atraindo clientes de outros municípios e dinamizando a economia local.²³

Tendo em vista a análise e os exemplos concretos descritos acima, torna-se evidente o fortalecimento e o protagonismo do setor comercial e de serviços nos rumos político-econômicos da cidade no final da década de 1990 – sobretudo, durante o primeiro mandato de Neto como prefeito – outrora mais disputado com os movimentos sociais organizados. Neste período, essas entidades patronais caminhavam para aumentar ainda mais seus arcos de alianças e consolidar o caminho hegemônico de seus interesses, através da implementação de políticas públicas que foram em direção às demandas e anseios desses setores, com amplo apoio da população de Volta Redonda.

O caso Mercovale

Acima já apresentamos as iniciativas, projetos e resistências no âmbito da sociedade civil, agora vamos expor um novo projeto de desenvolvimento regional em um nível mais institucionalizado, por intermédio de agências estatais de fomento e assessoria técnica. O *Mercovale* foi uma iniciativa pioneira que buscava articular conjuntamente com os municípios do Vale do Paraíba fluminense “uma estratégia de desenvolvimento de projeto de desenvolvimento econômico regional do estado do Rio de Janeiro”, tendo como principais articuladores as prefeituras municipais.²⁴ O projeto-piloto foi idealizado pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN), Serviço Nacional de Apoio à Micro

da população carente da cidade, sendo signatário da Teologia da Libertação. Durante seu bispado, descentralizou a Diocese e fomentou o surgimento e a mobilização constante das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), que ajudaram a formar diversos militantes do movimento social na cidade. E mesmo diante da grande fragmentação e “rachas” dentro do movimento social na cidade (na década de 1990), se manteve como única unanimidade e liderança incontestável.

²² Revista *Primeira Página*. Ano 2, nº43, setembro de 1997. p. 9. Grifos nossos.

²³ *Idem*.

²⁴ AMARAL, Carlos. *Reestruturação sócio-produtiva e ações de promoção do desenvolvimento local na microrregião do vale do Paraíba (RJ)*. Núcleo de assessoria planejamento e pesquisa (NAPP), 2001. p10.

e Pequenas Empresas (SEBRAE), Instituto Brasileiro de Administração Pública (IBAM) e SERE (entidade vinculada à fundação alemã Friedrich Ebert) visando a criação de uma “metodologia de construção de redes de desenvolvimento local”.²⁵

Na primeira fase do projeto (1994-1996), “os secretários de planejamento (ou equivalentes) dos 12 municípios” iniciaram “os contatos para intercâmbios de informações e experiências”, para a criação do “Fórum dos Secretários Municipais de Planejamento” da região.²⁶ Uma das primeiras medidas deste fórum “consistiu na elaboração de uma proposta de uma legislação integrada para o Imposto Sobre Serviços (ISS), embora não tenha sido aprovada em alguns municípios.²⁷ Foi a fase da produção intelectual, de pesquisa, elaboração do projeto e análises sobre as potencialidades com a criação de estratégias de convencimento em torno do projeto através do Plano de Ação.

Nos anos seguintes, um dos maiores entusiastas do projeto, o ex-prefeito de Volta Redonda, Paulo Baltazar, passou a coordenar o projeto com o intuito de construir acordos, mobilizar as outras prefeituras e assessorá-las na construção de mecanismos e instituições com um corpo de funcionários dentro dessas prefeituras. Paulo Baltazar, que havia ficado sem mandato em janeiro de 1997, recebeu de seu sucessor um cargo de “assessor especial” remunerado do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano (IPPU), com a função de também coordenar as ações do *Mercovale* na cidade. Este fato causava mal estar na opinião pública da cidade, sendo interpelado inclusive pelo Movimento Ética na Política (MEP), principalmente devido ao exorbitante salário – R\$ 5 mil reais – e à locação de algumas salas no SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) para Baltazar e sua equipe de assessores.²⁸

Com o apoio do grupo consultor, a assessoria de integração regional iniciou um processo de divulgação e sensibilização, voltado para a formação de uma cultura política favorável à constituição do MERCOVALE. Entre as atividades desenvolvidas nesse sentido, podem ser mencionadas a “Caravana I” (visita a todos os municípios da região, para informação e esclarecimento da proposta do MERCOVALE, especialmente junto aos novos governantes municipais, empossados em janeiro de 1997), organização de seminários para capacitação das equipes das prefeituras na elaboração de projetos para captação de recursos externos e contatos com grandes empresas da região e com representantes da FIRJAN (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro), visando obter apoio para as atividades de construção do MERCOVALE. O principal resultado alcançado com essas atividades foi a assinatura por oito governos municipais da região do Médio Paraíba, de um documento de “Adesão ao Mercovale”. Os outros quatro municípios, embora não formalizando sua adesão à proposta do MERCOVALE, permaneceram vinculados ao processo através da participação no “Fórum de Secretários Municipais de Planejamento”.²⁹

²⁵ *Idem.*

²⁶ *Idem. Ibidem.*

²⁷ *Idem. ibdem*

²⁸ *Jornal Aqui.* Ano 2, nº22. 01/6/1998. p.11.

²⁹ AMARAL, Carlos. *op.cit.* p.14 e 15.

Carlos Amaral, em seus estudos sobre o desenvolvimento local da microrregião do Vale do Paraíba (RJ), aponta três possíveis motivos para a resistência em torno do projeto do *Mercovale*. O primeiro seria o receio de perda de autonomia por parte dos prefeitos da região, além do temor em reforçar a hegemonia de Volta Redonda. O segundo fator de resistência consistia na aversão à figura de Paulo César Baltazar, que como político filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), era candidato com fortes potenciais eleitorais e poderia – como, de fato, fez – usar o *Mercovale* como plataforma política para alavancar sua carreira política. Por fim, “as dificuldades de articulação” com a iniciativa privada foi importante fator de debilidade do projeto, principalmente devido às dificuldades de negociação com a FIRJAN e à falta de espaço institucionalizado para a participação de entidades da sociedade civil, inclusive empresariais.³⁰

Ao longo do ano de 1998, o projeto foi sendo esvaziado e, após a vitória de Baltazar nas eleições para deputado federal com expressiva votação (quase cem mil votos), chegou praticamente ao fim o programa *Mercovale*. E este projeto pode ser apontado como o primeiro evento que levou ao desgaste da relação de Antonio Francisco Neto com Paulo César Baltazar, quando as relações de favorecimento da Prefeitura em relação a Baltazar vieram à tona em 1997. No ano seguinte, com a aprovação da controversa lei que permitia a reeleição em cargos do Executivo, uma possível volta de Baltazar à prefeitura em 2000, com apoio de Neto, seria inviável, marcando um processo contínuo de desgaste e afastamento entre esses dois aliados. Embora fosse se alijando de um importante aliado, Neto ia aos poucos costurando importantes apoios políticos na sociedade civil de Volta Redonda. Uma das principais bases de apoio conquistadas por Neto neste período foi a Associação dos Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda.

A Associação dos aposentados e pensionistas de Volta Redonda (AAP/VR)

A Associação de Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda foi criada em 1973 e desde seu início estiveram a ela associados diversos aposentados da CSN. Até o início dos anos 1990, a associação possuía instalações acanhadas e provisórias e prestava poucos serviços aos associados, como boa parte das associações de aposentados e pensionistas pelo país. No final da década de 1980, a associação adquiriu um terreno na Vila Santa Cecília (em frente à Praça Pandiá Calógeras) para a construção de sua futura sede social.³¹ Em 1992, a estrutura metálica foi comprada e o prédio aos poucos foi sendo erguido.³²

³⁰ *Idem*. p.16.

³¹ “Terreno doado pela CSN intermediado pela CBS”. *Jornal Aqui*. Ano 2, nº60. 08/3/1999. p.12.

³² “Foi no dia 20 de maio de 1973 que um grupo de ex-operários da CSN se reuniu em assembleia para formar uma associação. A reunião foi no extinto Cine Avenida, que funcionava na Avenida Amaral Peixoto. A Associação dos Industriários Aposentados da Região Sul Fluminense (AIARSUFLU) nasceu com uma diretoria provisória que teve como presidente Mário Pinheiro dos Santos, cujo mandato foi até 16 de março de 74. A primeira reunião pós-fundação aconteceu dia 27 de maio de 1973, na casa do presidente da Comissão de Estudo, Antônio Frizzas, na Vila Marly, em Barra Mansa, devido ao estado de saúde do dirigente. Este fato fez com que, durante muito tempo, se falasse que a associação tinha sido fundada em Barra Mansa. Os primeiros movimentos da entidade foram de entendimento com a Superintendência do INSS em Niterói, então capital do antigo Estado do Rio, para que a entrega dos carnês fosse feita pela própria associação, facilitando para os associados. A Caixa Beneficente dos Empregados da CSN (CBS) também foi procurada para resolver problemas relacionados a diferenças entre benefícios. As reuniões da diretoria aconteciam no Edifício Sarkis, na Avenida Paulo de Frontin, no Aterrado, onde ficou decidido que os diretores contribuiriam antecipadamente, cada um, com seis meses de mensalidades. Numa das atas daquele tempo, consta a

Neste período, a associação era presidida pelo aposentado da CSN João Pinheiro (1988-1994) que possuía ligações com a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT). Mas foi a partir da vitória do engenheiro aposentado da CSN Ubirajara Vaz³³, em 1994, que a associação veio a se tornar em meados da primeira década do século XXI a maior associação de aposentados e pensionistas da América Latina, com mais de 40 mil associados.

Em 1992, Ubirajara Vaz foi eleito vice-presidente da associação e em 1994 ganhou sua primeira eleição. A grande virada da AAP/VR veio com a gestão empresarial empreendida por Ubirajara Vaz e sua equipe diretiva. Tão logo eleito, criou o jornal informativo da associação com o objetivo de atrair anunciantes (Jornal *MaiorIdade*). Outras medidas surgiram com o objetivo de proporcionar o crescimento da AAP/VR, atraindo novos sócios, aumentando a receita, investindo em serviços e infraestrutura médica e de lazer, se tornando autossustentável. Dentre as principais medidas da direção comandada por Ubirajara Vaz, além da criação de um periódico – que servia não só para atrair anunciantes, mas também para divulgar a associação de aposentados, expor suas ideias e defender os interesses dos aposentados e pensionistas –, também podemos citar a formação de convênios entre a associação e os lojistas, garantindo clientela fiel para o comércio, e atraindo aposentados e pensionistas para a entidade de forma crescente.³⁴ Festas de rua como a “*Feira da Primavera*”, com barracas e tendas com música ao vivo, primeiramente na praça Pandiá Calógeras, geravam receitas e ajudaram a terminar a construção da sede social aumentando o arco de serviços prestados. Facilitou também o aumento de receita o acréscimo da contribuição do associado de 1,2% sobre o piso do INSS para 5%.³⁵

Em poucos anos a AAP/VR abriu frentes de receitas e cresceu rapidamente:

contratação de um "elemento idôneo", Carlos Augusto Ribeiro, para cuidar do expediente da associação. Até conseguir a sede própria, foi dura a vida da associação. Sem dinheiro para pagar o aluguel no Aterrado, a diretoria conseguiu uma sala na subsede do Sindicato dos Metalúrgicos, no Retiro, mas teve que sair devido a uma enchente que destruiu móveis e documentos. Acabou sendo transferida para a sede da Amaral Peixoto, no terceiro andar, mas de lá saiu em 1984, porque o sindicato precisou do espaço. O endereço seguinte foi um barraco da CSN no Conforto. A sede própria foi negociada em 1989, na gestão de João Alves Pinheiro. O terreno de 2,3 mil metros quadrados na Rua 35, número 112, em frente à Praça Pandiá Calógeras (onde funcionava o setor de medicina do trabalho da CSN, que foi transferido para o interior da usina), primeiro foi cedido em regime de comodato por tempo indeterminado”. *Jornal Foco Regional Sul Fluminense* - 19 a 25 de maio de 2003 - Ano III - Edição 111.

³³ Ubirajara Vaz nasceu em Cambuci no Estado do Rio de Janeiro e aos 15 de anos de idade transferiu-se para Volta Redonda, onde logo começou a trabalhar na CSN, em 1955, exercendo diversas funções. Em um período em que a empresa investia e estimulava a formação profissional de seus empregados, Ubirajara, após passar em um vestibular para engenharia metalúrgica em uma faculdade estadual em Guaratinguetá, no Vale do Paraíba paulista, pôde cursar a faculdade através de uma licença remunerada da CSN. Alguns anos depois, Ubirajara conseguiu transferir o curso para o *campus* da Universidade Federal Fluminense em Volta Redonda, que também possuía um curso de engenharia metalúrgica. Como engenheiro formado, trabalhou em inúmeros setores, começando como engenheiro de divisão e terminando como superintendente no setor de operação da usina. Nos seus últimos 3 anos na CSN exerceu a função de assessor do diretor industrial. Quando se aposentou em 1987, não era próximo da associação. Em 1989, foi convidado por antigos colegas de trabalho, que eram associados, a ajudá-los na associação com os cálculos de aposentadorias, bem como perdas e ganhos junto ao INSS (na época INAMPS: Instituto Nacional de Seguridade Social, autarquia do governo federal responsável pelos pagamentos de aposentadorias e outros tipos de auxílio ao trabalhador). *Revista Palavra*. Edição virtual: <<http://www.revistapalavra.com.br/page/editoriasDetalhe.asp?idNoticia=28>>. Acessado em: 23/01/2012.

³⁴ Todos os convênios podem ser vistos no sítio: <<http://www.aapvr.org.br/2010/convenios.php?p=>>

³⁵ *Jornal Aqui*. Ano 2, nº60. 08/3/1999.

Tínhamos oito mil e poucos associados e seus dependentes. Com os convênios, as pessoas que não eram associadas se se associassem, teriam uma série de vantagens, e começaram a entrar. Daí a pouco, chegamos a 10 mil, 12 mil, 15 mil. E quando fechamos a 15 mil, com os dependentes, éramos 30 mil, 40 mil. Com isso, aqueles que ainda não tinham fechado conosco convênios comerciais perceberam que o mercado cresceu e resolveram entrar. Aí, a coisa se transformou numa bola de neve mesmo.³⁶

E assim, aumentando convênios no comércio, com médicos, planos de saúde e outros serviços, outros planos mais audaciosos foram sendo traçados. Junto a uma intensa agenda de eventos festivos, a AAP/VR investiu na criação de centros médicos especializados em medicina geriátrica, facilitando o acesso à saúde de uma camada da população carente deste tipo de serviço pública de qualidade. Não só esses fatores contribuíram para o rápido crescimento da AAP/VR, como também o aumento do número de aposentados na cidade de Volta Redonda, principalmente devido à reestruturação na CSN. No auge de seu crescimento, por volta dos anos de 1998 e 1999, a entidade chegava a ter uma média de 30 novos associados por dia, uma média de 500 n.a. mês.³⁷

Por atender uma clientela ampla e crescente, a AAP/VR foi abrindo seu leque de relações institucionais. E seu caráter político foi aos poucos se tornando mais nítido. Através dos convênios, conquistou bom trânsito com o setor comercial da cidade, com prefeituras e suas respectivas secretarias de saúde, com a FAM (Federação das Associações de Moradores de Volta Redonda). Nas eleições da entidade, a ACIAP, CDL, SiComércio apoiaram a reeleição de Ubirajara Vaz contra o ex-presidente da AAP/VR João Pinheiro, a quem Vaz criticou por ter “relações perigosas” com membros da oposição sindical da CUT e do PT,³⁸ enquanto João Pinheiro criticava Vaz por, segundo ele, ter “transformado a APP/VR em um balcão de negócios”.³⁹ A campanha de Vaz foi cara, nos moldes de campanhas eleitorais político-partidárias, com carros de som, santinhos, showmícios. Vaz venceu Pinheiro com folga por 75% dos votos, contra 23%.⁴⁰

Nos anos seguintes o crescimento e a força da AAP/VR foram se consolidando, com destaque para o estreito relacionamento entre a direção da AAP/VR e a prefeitura municipal, principalmente no que tange às políticas públicas direcionadas para a terceira idade em Volta Redonda.

Assim, podemos afirmar que este período foi marcado por um complexo processo de disputas políticas – que perpassaram e afetaram o poder político – nesta cidade, envolvendo diversos setores da sociedade civil e, concomitantemente, por uma brutal reestruturação produtiva que culminou na formação de um grupo político-econômico hegemônico, girando em torno da liderança do empresário-político Antônio Francisco

³⁶ “*Maior Idade*”. *Jornal dos aposentados e pensionistas*. Ano 7, nº74. Fevereiro de 2005. p.8.

³⁷ Em 1999, a associação atingiu a marca de 27 mil associados. Nos dias atuais, segundo a AAP/VR, são 40 mil associados em Volta Redonda e outras cidades do sul fluminense. *Jornal Aqui*. Ano 2, nº59. 01/3/1999. p.8. “No período de 94 a 99, a associação saiu do anonimato. Hoje é uma grande empresa, reconhecida no Brasil e no exterior e com muitas obras realizadas. O próprio título de entidade filantrópica foi obtido, outras entidades estavam perdendo esse direito. Somos fiscalizados pelo CNA (Conselho Nacional de Assistência) e temos os nossos relatórios aprovados. Somos uma empresa exemplar nessa área”. *Jornal Aqui*. Ano 2, nº62. 22/3/1999. p.6.

³⁸ *Jornal Aqui*. Ano 2, nº62. 22/3/1999. p.6.

³⁹ *Jornal Aqui*. Ano 2, nº66. 19/4/1999. p.9.

⁴⁰ *Jornal Aqui*. Ano 2, nº68. 19/4/1999.

Netto, e na fragmentação e desarticulação do até então sólido e combativo movimento social da cidade. Desta perspectiva resultou a base do que poderíamos identificar como a fase de ascensão de intelectuais orgânicos e aparelhos privados de hegemonia que, em pouco tempo, conquistaram a hegemonia na sociedade voltarredondense contemporânea.

Referências Bibliográficas:

- ACANDA, Jorge Luis. *Sociedade civil e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- AMARAL, Carlos. *Reestruturação sócio-produtiva e ações de promoção do desenvolvimento local na microrregião do vale do Paraíba (RJ)*. Núcleo de assessoria planejamento e pesquisa (NAPP), 2001.
- CARUSO, Danilo S. *Reestruturação produtiva e o movimento operário em Volta Redonda*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- GANDRA, Marco Aurélio. *“Cidade Vermelha” do Aço: greves, controle operário e poder popular em Volta Redonda*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- LIMA, Raphael J.C. *A Reinvenção de cidade industrial: Volta Redonda e o pós privatização da Companhia Siderúrgica Nacional*. Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Periódicos

- Foco Regional-Sul Fluminense* (2003);
Jornal Aqui (1998; 1999; 2000);
Maioridade – Órgão Informativo da AAP/VR (1995);
Revista Primeira Página (1996-1997).

Sítios da Internet:

- <<http://www.aapvr.org.br/2010/convenios.php?p=>>>
- <<http://www.revistapalavra.com.br>>